OTOS: FRANCISCO GUALBERTO

Biblioteca Monteiro Lobato: uma verdadeira fantasia para os alunos do Centro

CENTRO Nº 2 DO GAMA

Falta crônica de verbas leva ao abandono total

CORREIO BRAZILIENSE
- 3 SET 1988

ELIANE OLIVEIRA
Da Editoria de Cidade

Está mais do que comprovado: quanto maior a distância do colégio em relação ao Plano Piloto menor o número de alternativas para sanar a falta de recursos. No Educacional nº 2 do Gama, além de conviver com a carência de material didático e de limpeza, segurança e merenda escolar, a comunidade tem de se sujeitar ao déficit de funcionários. E, o que é pior, de professores.

São 2 mil 300 alunos de 8ª Série e 2º grau, matriculados nos turnos matutino, vespertino e noturno. Há 97 docentes e 17 servidores para prestar atendimento aos alunos que, diante da falta de três porteiros, seis agentes de limpeza e 11 professores, estão longe de receberem boa qualidade de ensino.

AULAS

Durante a semana várias turmas ficam sem aula. Os cursos profissionalizantes de secretariado, biologia, língua estrangeira e português são os mais prejudicados. Semanalmente, a direção do Centro solicita à Fundação Educacional medidas que minimizem a situação. Mas até hoje nenhuma providência foi tomada. Segundo alguns representantes da escola, o turno da noite está quase parado. Alguns alunos ociosos ao invés de ir para casa, perturbam os colegas que, afortunadamente, estão nas salas de aula ou partem para as depredações.

A proibição de novas contrataç-oes, na opinião do encarregado pedagógico, Hélio José Rodrigues, vem dificultando a reposição de mais profissionais. "Quando um professor fica doente, por exemplo, não há substituto". A situação é tão dramática que das 23 turmas em determinado turno às vezes não chega a 50 por cento as que estão em atividade.

A escassez não se dá apenas em nível de pessoal. O colégio necessita, em média, de 25 caixas com 12 resmas de papel por semestre. "Atualmente temos apenas uma caixa e não há previsão de recebermos mais", disse uma funcionária que não quis se identificar. Há giz em quantidade suficiente mas, de acordo com recente levantamento feito pela própria direção, "desaparecem" normalmente quatro apagadores por dia. Além disso os professores se queixam da má qualidade do produto, que não chega a durar um mês.

Há um só grampeador para suprir a direção. Cinqüenta por cento das máquinas de escrever estão defeituosas. O que a escola dispõe de material de limpeza deverá durar até o fim de setembro, resumindo-se em sabão em barra, bombril e alguns desinfetantes. Assim, a manutenção torna-se extremamente prejudicada.

Não fosse o bebedouro com filtro, custeado pela comunidade escolar, todo mundo tomaria água de torneira. "Bebemos água tratada pela Caesb", ironizou um aluno. Para que fossem beneficiados em torno de 1 mil estudantes em cada turno seria preciso a instalação de filtros de barro em cada uma das 30 salas de aula.

Assim como a grande maioria das escolas da rede pública, o Centro Educacional nº 2 não recebe assistência de parte do GDF como um todo. O lixo, por exemplo, tem de ser queimado. "Dificilmente é recolhido pelo Serviço de Limpeza Urbana", lamenta o encarregado pedagógico. Nas dependências do colégio há cerca de 2 mil metros quadrados de área ociosa, tomada pelo matagal, que poderia ser aproveitada.

Hélio José Rodrigues destaca ainda a falta de um pequeno pronto-socorro, constituído por medicamentos básicos. "Se algum aluno passa mal não temos nenhum remédio, como um antiácido ou analgésico para fornecer."

BIBLIOTECA

A biblioteca Monteiro Lobato, gerenciada pela Diretoria Regional do complexo, não atende às necessidades da escola. Os livros, além de ser insuficientes, quase sempre são defasados e estão em estado precário. A carência maior acontece com a parte didática. A grande procura é pelas enciclopédias. "Nós recebemos apenas duas publicações", acrescenta a bibliotecária Vitória Régia Silva.

Os laboratórios de química, física e biologia estão em bom estado. Quando faltam reagentes os professores fazem "vaquinha". Juntar dinheiro já é parte integrante da realidade dos professores e da direção, que fazem pequenos "improvisos" nos banheiros e salas de aulas. Os quadros-negros são o grande alvo das reclamações dos docentes. Pintados recentemente, são porosos e riscados com tinta de caneta. Alguns estão cheios de buracos.

Estudantes e professores trabalham na penumbra, em função da falta de lâmpadas.

Comida acaba na terça-feira

Numa previsão otimista, feita pelos funcionários da escola, o resto do estoque de alimentos fornecidos pela Fundação de Assistência ao Estudante deve durar até terça-feira. Quinta-feira passada foram cozidos os últimos 15 quilos de arroz, quantidade suficiente para um só turno.

Nesse mesmo dia havia, além disso, três latas de almôndegas, 24 quilos de leite em pó, 10 quilos de sopa de macarrão com feijão e 10 quilos de macarrão. Nada de óleo, sal, açúcar ou condimentos. "Quando a gente pode complementamos o lanche", explica o encarregado pedagógico. "Os alunos reclamam muito, mas não podemos fazer nada", diz uma professora.

MANIFESTAÇÃO

As queixas dos alunos tomaram corpo semana passada com uma manifestação. Eles reclamavam do déficit de professores e da qualidade da merenda. "Há pessoas que moram no Entorno, chácaras e fazendas, que fazem as principais refeições aqui", lembra uma funcionária.

A Associação de Pais e Mestres (APM) existe, mas não consegue impor. "Ninguém contribui. Quando pedimos Cz$ 100 a cada aluno nem 10 colaboram", lamenta Hélio Rodrigues. "Se a contribuição fosse obrigatória, teríamos menos problemas".

O desejo de se cultivar uma horta, para a complementação do lanche com verduras, é antigo, mas pode demorar. "Nós já tentamos fazer horta comunitária, contudo não possuímos sementes, adubos e equipamentos", explica o encarregado pedagógico. Ele lembra que outro problema é o tempo atual. "O solo não oferece condiç-oes e o momento climático n-ao é favorável".

Os últimos 15 quilos de arroz acabaram quinta-feira

Aluno pede mais segurança

O Centro é um dos estabelecimentos da rede oficial de ensino que mais sofrem com a falta de segurança. Os muros, muito baixos, facilitam a entrada de marginais e os assaltos acontecem à luz do dia. A comunidade precisa da presença constante da polícia, o que nem sempre é possível. "Às vezes aparecem malandros com armas em punho, principalmente quando há casos de rixa entre pessoas matriculadas aqui", revela Hélio Rodrigues.

A ocorrência de furtos dentro do colégio não é incomum. À noite a insegurança de quem sai das dependências é intensa. Entretanto, o que acontece com mais freqüência são as depredações e pichações em muros e paredes. E os autores não se caracterizam por ser pessoas de fora. Há alunos que, desvalorizando a estrutura física da escola — que é ainda melhor do que várias por aí — quebram carteiras, cadeiras e as divisórias do teto, formadas por aglomerados.

LAZER

Lazer praticamente não existe. O pátio, de terra, funciona também como estacionamento. A área verde, com cerca de 600 metros quadrados, possui 30 árvores e nenhum banco para os alunos sentar. Enquanto isso as duas quadras de esporte polivalentes e o campo de futebol, instalados ao lado do colégio, são vítimas de depredações e alvo da poeira. Até as cestas de basquete são furtadas.

CENTRO Nº 2 DO GAMA

Salas de aula:	**
Banheiros:	**
Cantina:	***
Laboratórios:	***
Biblioteca:	**
Área de Lazer:	*
Área de esporte:	**
Segurança:	*
Manutenção:	**

COTAÇÃO:

*****	Excelente
***	Bom
***	Regular
**	Ruim
*	Péssimo ou Inexistente